

Cartilha Psicoeducativa: Questões de gênero no atendimento clínico a mulheres

Ana Carolina Rimoldi de Lima (org.)

Railla Correia de Matos

Rebeca Franco Bonfanti



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Extensão

Coordenação e orientação do projeto
Profa. Ma. Ana Carolina Rimoldi de Lima

Ituiutaba
2023

 **Atena**
Editora

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira 2023 by Atena Editora

Editora executiva Copyright © Atena Editora

Natalia Oliveira Copyright do texto © 2023 Os autores

Assistente editorial Copyright da edição © 2023 Atena Editora

Flávia Roberta Barão Direitos para esta edição cedidos à Atena

Bibliotecária Editora pelos autores.

Janaina Ramos *Open access publication by Atena Editora*



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos as autoras, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Cartilha psicoeducativa: questões de gênero no atendimento clínico a mulheres

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Ana Carolina Rimoldi de Lima
Autoras: Railla Correia de Matos
Rebeca Franco Bonfanti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
M433	<p>Matos, Railla Correia de Cartilha psicoeducativa: questões de gênero no atendimento clínico a mulheres / Railla Correia de Matos, Rebeca Franco Bonfanti, Organizadora Ana Carolina Rimoldi de Lima. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1634-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.340230208</p> <p>1. Mulheres - Psicologia. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. 4. Psicologia educacional. I. Matos, Railla Correia de. II. Bonfanti, Rebeca Franco. III. Lima, Ana Carolina Rimoldi de (Organizadora). IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 305.4</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Dedicamos este conteúdo a todas as
mulheres que atendemos na clínica e a
todas, todos e todes profissionais de saúde
que acompanham mulheres em seus
múltiplos sofrimentos.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, e à pró-reitoria de extensão, pelo apoio e subsídio deste projeto nos anos de 2022 e 2023 através dos editais PAEx/UEMG, nº 01/2022 e 01/2023.

“O silêncio é o choro mais alto de uma
garota.”

(Demi Lovato)

Apresentação

A presente cartilha é resultante de um projeto de extensão intitulado “Psicoterapia e feminismo sob o enfoque da Análise do Comportamento: Amparando psicólogas(os) clínicas(os) a trabalharem o empoderamento feminino com suas clientes”. O projeto foi aprovado no ano de 2022 em edital público da Universidade do Estado de Minas Gerais - Edital PAEx/UEMG, nº 01/2022 e foi renovado no ano 2023 pelo edital PAEx/UEMG, nº 01/2023.

O conteúdo aqui apresentado corresponde a uma descrição simplificada e didática do referencial bibliográfico analisado, acrescido de reflexões e análises feitas pelas autoras a respeito de cada temática abordada. O objetivo é favorecer a profissionais de saúde e demais leitores(as) reflexões a respeito de questões de gênero que afetam a saúde física e mental de mulheres, considerando aspectos interseccionais presentes no desenvolvimento e manutenção das queixas clínicas trazidas por essas mulheres, além das estruturas socioculturais vigentes que sustentam práticas de gênero adoecedoras.

Nesse sentido, o conteúdo da primeira seção desta cartilha conduzirá o(a) leitor(a) a um percurso teórico-reflexivo que partirá de análises a respeito dos fundamentos socioculturais que estabelecem papéis de gênero em nossa sociedade, considerando a teoria dos dispositivos amorosos e maternos apresentada pela autora Valeska Zanello em sua obra “Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação” (2018), assim como o efeito de tais dispositivos na saúde mental de mulheres.

Na segunda seção, seguiremos discutindo sobre a construção social do conceito de gênero analisando duas perspectivas contrastantes quanto a esta temática: a ideologia do patriarcado, que sustenta práticas machistas e misóginas amplamente vigentes em nossa sociedade e o feminismo interseccional, perspectiva que favorece uma compreensão abrangente sobre as demandas próprias de mulheres em nossa sociedade, assim como os efeitos deletérios da ideologia do patriarcado sobre o lugar social e os processos de subjetivação da mulher.

Em uma perspectiva mais prática, na terceira seção, abordaremos algumas estratégias úteis a serem aplicadas por profissionais de saúde quando atendem a mulheres. Iniciaremos discutindo o conceito de empoderamento e como podemos, enquanto profissionais de saúde, favorecer o empoderamento de nossas clientes/pacientes. Seguiremos refletindo sobre variáveis de gênero às quais profissionais de saúde devem atentar-se ao atender mulheres, visando oferecer uma prática clínica validante e coerente com as demandas de cada mulher.

Por fim, discutiremos questões relativas a relacionamentos abusivos e como intervir quando a cliente/paciente traz demandas relacionadas a esta questão. O conteúdo da segunda e terceira seções foi baseado na obra “Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento” (2019), das organizadoras Renata Pinheiro e Táhcita Mizael.

Esperamos que a presente cartilha possa ser um guia de orientação preliminar a profissionais de saúde em suas avaliações e intervenções clínicas com mulheres. Contudo, incentivamos fortemente que se busque uma fundamentação mais abrangente a respeito desses temas consultando as bibliografias supracitadas e outras que abordem questões de gênero relevantes a serem consideradas com relação à saúde física e mental de mulheres.

Declaramos, ainda, nosso reconhecimento às autoras das referidas obras, pela sua imensa contribuição em um campo que ainda tem muito a crescer no contexto das ciências e intervenções em saúde!

Profa. Ma. Ana Carolina Rimoldi de Lima
Organizadora da Cartilha Psicoeducativa:
Questões de gênero no atendimento clínico a
mulheres

SUMÁRIO

1º SEÇÃO

UM POUCO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO COM VALESKA ZANELLO

Aspectos históricos e econômicos da desigualdade de gênero.....	10
Cultura do Silenciamento	13
Dispositivo Amoroso	19
Dispositivo Materno	30

2º SEÇÃO

GÊNERO, PATRIARCADO E FEMINISMO INTERSECCIONAL

Então, o que é gênero?.....	45
O que é patriarcado?	46
O que é feminismo interseccional?	47

3º SEÇÃO

ASPECTOS INTERVENTIVOS

O que é empoderamento?	48
Variáveis de gênero a se considerar no atendimento clínico a mulheres	56
Relacionamentos abusivos e intervenções	60
Indicação de série: Bom dia, Verônica.....	64
Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) e o feminismo	66
REFERÊNCIAS	69

Um pouco sobre estudos de gênero com

Valeska Zanello (2018)

Aspectos históricos e econômicos da desigualdade de gênero:

Os ideais de masculino e feminino nem sempre foram da forma como os conhecemos hoje. O que se observa, no geral, é uma correspondência entre dadas demandas sociais características de uma época, com determinadas prescrições de gênero que correspondem a um interesse socioeconômico maior.

Um exemplo: não é coincidência que a divisão do trabalho em ambientes privados e públicos, durante a consolidação do capitalismo, se dê em um cenário em que a mortalidade infantil arruinava o volume de mão de obra disponível. Nesse contexto, a reprodução, o cuidado e os encargos destinados à família passam a ganhar visibilidade.

A naturalização de papéis de gênero vai, então, operando de forma a estruturar o capitalismo atual, desvalorizando o trabalho de mulheres através da essencialização. Por exemplo, é como se o trabalho doméstico ou de cuidado não precisasse de remuneração, posto que é natural para a mulher executá-los.

Um pouco sobre
estudos de gênero com

Valeska Zanello (2018)

***Aspectos históricos e econômicos da
desigualdade de gênero:***

Um outro fator importante é que a mobilidade social propagada como um êxito do trabalho, não atingiria às mulheres brancas, algo que provocaria grande adoecimento psicológico deste público. Nesse enredo, o padrão de feminilidade vai assumindo formas de controle, de modo que, quanto mais de acordo com ele uma mulher se comporta, maior é sua validação social.

*Daí a quantidade de
mulheres "históricas"
ao final do século XIX.*



A criação de um padrão de feminilidade tem como principal função "não promover um casamento entre a mulher e o homem, mas entre a mulher e o lar" (KEHL, 2007, pg.44 apud ZANELLO, 2018, pg.41)."

O padrão de feminilidade é configurado por uma mulher doce e subserviente, que não expressa descontentamento ou frustração. Em geral, a cultura é mais tolerante com a expressão de raiva e agressividade em homens do que em mulheres.

Para ilustrar essa situação, fizemos uma análise sobre como a docilização de mulheres produz adoecimento psicológico à luz do filme "Red: crescer é uma fera (2022)". Você pode checar em nosso Instagram: @psicoterapia.e.feminismo



CuLturA Do *silenciamento*

Dito isso, outro ponto que se afirmou enquanto algo desejável para uma mulher foi o de se manter em silêncio. Isso dificulta o reconhecimento de mecanismos de opressão.

Esse é um grande fator a se considerar quando falamos da saúde mental de mulheres, já que mulheres que rompem com esse pacto de silêncio são frequentemente chamadas de "chatas", "inconvenientes" e "loucas".

Esses ideais de feminilidade são passados através de mídias, revistas, jornais... de forma muito sutil.



(ZANELLO, 2018)



Por exemplo A história da sereia Ariel

Para ilustrar como o silêncio é colocado sutilmente nas relações de mulheres, Monteiro e Zanello (2014) analisam a trajetória da sereia Ariel no filme da Disney. No trecho abaixo é explicitado que Ariel, ao renunciar sua voz em prol de pernas, poderia conquistar o príncipe através da beleza. O fato de não ser "tagarela" também é apontado por Úrsula como uma qualidade que atrai os homens.

Na negociação que trocava sua calda por pernas, ocorre o seguinte diálogo:

Úrsula: Vai lhe custar uma ninharia, não vai sentir falta! O que eu quero de você é... sua voz!

Ariel: Mas sem minha voz... Como posso...?

Úrsula: Terá sua aparência! Seu belo rosto! E não subestime a importância da linguagem do corpo.

→ Neste trecho e nos subsequentes da cena, conseguimos perceber não só aspectos de objetificação, mas também da valorização da mulher que se mantém em silêncio.

O valor de uma mulher vem através do corpo esbelto que ela possui?

Se apresentarmos essa frase para um grupo de homens é muito provável que boa parte deles responda que sim, que o valor de uma mulher está ligada com a beleza do corpo dela.

É bastante provável também que esses mesmos homens que acreditam que essa frase é verdadeira não respondam a ela de maneira direta, mas muitas das vezes podem confirmar isso de outras maneiras, como:





E se essa mesma frase fosse exposta para um grupo de mulheres, será que teria alguma que concordaria? É bem provável que sim, sabe por quê?

Porque mulheres de todas as classes sociais e de todas as raças são expostas constantemente a falas, conteúdos e são colocadas em papéis na sociedade que reforçam esse pensamento na vida delas.

Alguns exemplos são:

Acreditar que só serão felizes se forem magras; acreditar que somente serão amadas se tiverem um corpo malhado e dentro do padrão; que um corpo bonito é sinônimo de sucesso; que ter um corpo bonito permite conquistar mais pessoas e mais espaços, etc.



E onde podemos encontrar estímulo a essas ideias?



Fonte: Google Imagens.

Podemos encontrar esses estímulos em capas de revistas (como a imagem acima), filmes, novelas, desenhos infantis, posts no Instagram, em músicas, séries ou até mesmo falas do dia a dia.

Legenda: Círculos em vermelho sinalizam esses estímulos na capa da revista "Máxima".

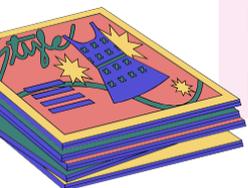
Tecnologias de Gênero



Lauretis (1994) define tecnologias de gênero como construções discursivas que produzem representações marcadas pelo gênero, de forma que essas representações sejam, posteriormente, absorvidas por sujeitos que passam a se autorrepresentar enquanto homens ou mulheres.

Dito isso, raramente os assuntos abordados nas revistas "masculinas" trazem dicas de perder peso ou sobre como "conquistar um amor". É muito mais comum, que em revistas masculinas, homens sejam colocados em ternos ou de roupas casuais (mas na maioria das vezes sempre vestidos ou apenas exibindo um corpo forte) e, na maioria das vezes, os assuntos tratados são como se tornar um chefe, como conseguir o carro dos sonhos, etc.

Portanto, podemos claramente perceber que o homem, assim como seu corpo, é colocado como aquele que é capaz/deve assumir poder enquanto a mulher e seu corpo são colocados como disponíveis, fúteis, cujo valor está na aparência e na conquista, que elas são somente para prazer e não capazes de exercer poder.



DISPOSITIVO *Amoroso*

De forma mais simplificada, um dispositivo diz respeito às estratégias socialmente construídas que contribuem para os processos de subjetivação dos indivíduos. Agamben (2009, pg. 56 apud Zanello, 2018) pontua sobre como esses dispositivos se apresentam como "uma máquina que produz subjetivações".

Assim, falar sobre o Dispositivo Amoroso é falar sobre como uma pedagogia afetiva e performática medeia processos identitários e de vulnerabilidades específicas à mulher, configurando, inclusive, sua forma de sentir.

As interseccionalidades fazem com que o Dispositivo Amoroso se dê de forma diferente para cada mulher, a depender de seus marcadores sociais. Isso significa que, entrelaçamentos com outros recortes sociais, além do de gênero, podem vir a produzir mais ou menos sofrimento psicológico.



Um pouco mais sobre o *Dispositivo Amoroso*

Sendo um sentimento mediado pela cultura, o amor também é estabelecido de acordo com a época em que vivemos e é atravessado por diferentes marcadores sociais.

Assim, o Dispositivo Amoroso se estrutura de forma diferente para a mulher negra em comparação à mulher branca.

A maternidade e as relações amorosas são contextos nos quais acontece a maior parte do desempoderamento de mulheres. Por isso, atenção a essas variáveis.



(ZANELLO, 2018)

Contribuições da igreja e do casamento na construção deste Dispositivo

Antigamente, o casamento era um arranjo político e de transmissão de patrimônio.

A expansão da igreja católica durante o século XII muda esse cenário do casamento: a partir de então ele se estabeleceria de forma a valorizar a monogamia, a família e a prole. Houve mudanças significativas também na expressão do prazer e da sexualidade.

Ao homem, foi conferida alguma liberdade sexual, algo que Zanello (2018) descreveria como uma velada poligamia consentida.

O adultério, assim, seria (e ainda é), encarado de formas diferentes a depender de quem o comete.



(ZANELLO, 2018)

O prazer e o sexo

Ainda durante o século XII, o sexo com a finalidade de prazer foi considerado inadequado e pecaminoso. A luxúria foi duramente combatida pela religião cristã.

O controle, então, tanto do papel da mulher, quanto da vivência do prazer, passa a ser ríspidamente vigiado pela igreja.

O casamento e o sexo, no entanto, teriam repercussões diferentes de acordo com os recortes sociais da mulher em questão.

"Ela era bonita e gente boa... mas não era mulher pra casar."



O amor romântico sustenta papéis diferentes para o homem e para mulher?

O amor romântico assume grande importância na vida de algumas mulheres, sendo ele, muitas vezes, a representação do grande "troféu" da vida, o troféu de ser escolhida e amada.

O amor romântico, então, de certo modo, modela a forma como as mulheres pensam e se comportam, sendo importante para a subjetividade delas, para a visão delas mesmas como mulheres em sociedade.

Portanto, o ser amada por um homem, carrega um simbolismo muito forte para elas: não é somente ser amada, é ser social e subjetivamente validada.



É possível perceber, então, como o amor romântico designa às mulheres um papel a ser assumido em sociedade, isto é, que amar um homem é a maior utilidade que elas podem ter.

Além disso, o amor romântico perpassa por uma lógica heteronormativa, pois essa mulher só será vista como completa, só terá alcançado o sentido completo da vida, se casada com um homem.

Por outro lado, homens não são ensinados a cuidar e amar da mesma forma que as mulheres, pelo contrário, o amor romântico para o homem lhe permite muito mais liberdade e independência.



Dessa forma, homens não precisam assumir diferentes comportamentos para serem escolhidos em uma relação. Ao contrário, a eles é concedido o papel de escolher. Assim, quando "escolhidas", as mulheres são incluídas nos padrões cobrados pela sociedade, isto é, poderão vir a se tornar esposas e, posteriormente, mães.

É como se o amor romântico fosse apenas uma possibilidade na experiência de ser homem e não um fator necessário para a construção subjetiva de si, diferente de como é para as mulheres.

Portanto, sim, o amor romântico sustenta papéis diferentes para o homem e para a mulher, como por exemplo, o casamento. E é importante lembrar que todo este processo é uma construção social e não um percurso natural da vida!



**“A beleza, nesse cenário,
é como um dever ético”
(ZANELLO, 2018).**

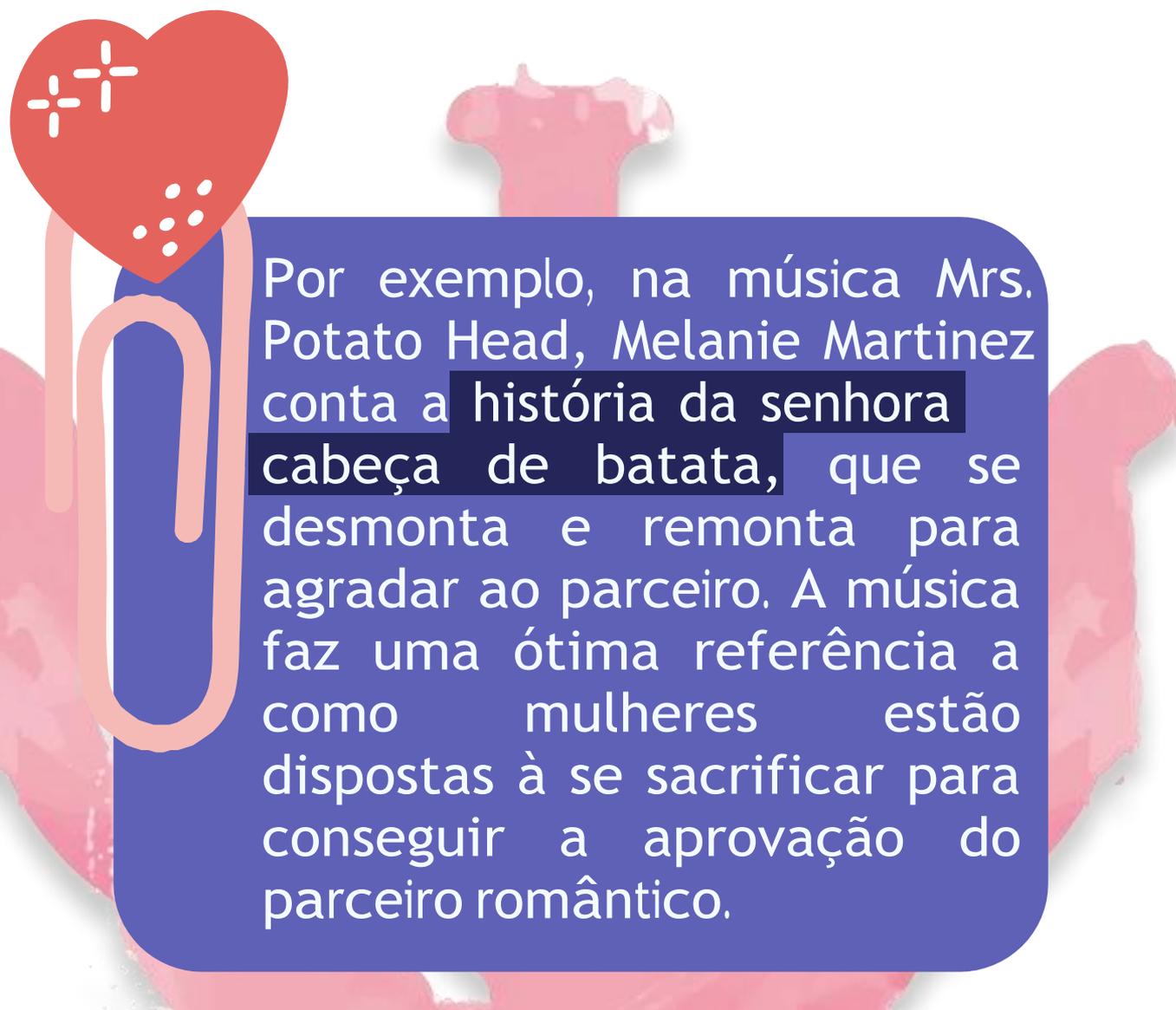
A espera por ser escolhida e, conseqüentemente, validada socialmente, expõe as mulheres à necessidade de aprovação externa.

Uma das principais formas de conseguir essa aprovação é cumprindo com os pré-requisitos da beleza - os quais são, novamente, socialmente estabelecidos!

Se, anteriormente, a beleza era considerada uma característica natural, com o capitalismo e seus diferentes recursos, ela é um "dever ético" - Ideia de que toda mulher pode se tornar bonita, se quiser.

“Não se nasce bela, torna-se”





Por exemplo, na música Mrs. Potato Head, Melanie Martinez conta a história da senhora cabeça de batata, que se desmonta e remonta para agradar ao parceiro. A música faz uma ótima referência a como mulheres estão dispostas a se sacrificar para conseguir a aprovação do parceiro romântico.

A beleza enquanto um bem de consumo trouxe novas formas de enxergar a mulher, de modo que, se não é bela, então é desleixada ou preguiçosa.



Dispositivo Amoroso e a autoestima da mulher negra

Zanello (2018) reflete sobre como os estigmas carregados pela mulher negra podem culminar em abandono, preterimento e solidão ao se relacionar amorosamente.

A beleza, enquanto um produto de consumo, fornece meios para que os corpos sejam submetidos a intervenções cirúrgicas e procedimentos (como no caso de mulheres gordas) para aderir ao modelo de beleza imposto. A pele negra, no entanto, é algo impossível de se modificar por completo, o que afasta essas mulheres do ideal estético da nossa cultura. Outro ponto é que, o racismo é uma das opressões que começam mais cedo: mulheres negras sofrem com o racismo desde o nascimento e têm sua autoestima extremamente afetada por ele.





O livro "Cartas para minha avó (2021)", de Djamilla Ribeiro, é uma boa referência para pensarmos esses atravessamentos, abordando aspectos subjetivos da racialização na identidade de mulheres negras, igualmente com sua interlocução em questões de gênero.

"Gostaria de ressaltar que a genialidade pode ser algo arriscado para homens, mas em geral, é completamente trágico para as mulheres (...), porque subverte a relação de gênero" (ZANELLO, 2018, pg.113).

Mulheres e carreira profissional

Outro ponto intrínseco ao papel de gênero feminino, diz respeito a mulher restrita ao ambiente privado e doméstico.

Essa concepção geralmente se torna um problema a partir do momento que a mulher se torna mãe e seu papel social é ainda mais voltado para gerir cuidados à família e aos filhos.

Zanello (2018) fala, então, sobre o quanto a carreira profissional (principalmente a bem sucedida) é trágica para mulheres, porque ao passo que, para homens, priorizar a carreira e "prover" a família o faz um "bom pai", para a mãe, isso é inverso: priorizar a carreira e abdicar do ambiente doméstico e privado é sinal de uma mãe ausente ou negligente.

Dispositivo Materno





A MATERNIDADE COMO A CONHECEMOS É UMA **Construção Social**

Enquanto sociedade, passamos por mudanças na concepção de maternidade e, conseqüentemente, do que é ser uma boa mãe. Essas mudanças correspondem principalmente à época e às demandas econômicas presentes em cada momento histórico.

No que antecede a visão de maternidade que temos atualmente, está a necessidade de maior mão de obra vigente durante o século XVIII, o que fez ser vantajoso dedicar esforços pela diminuição da mortalidade infantil.

A mulher, então, passa a ser encarregada não só dos cuidados que garantiriam a sobrevivência do bebê, mas também de sua educação e índole. Quanto mais se responsabilizasse por sua boa criação, maior o reconhecimento de seu potencial enquanto ser moral e competente.

Para justificar a permanência cada vez maior da mulher em ambiente privado, a maternidade passou a ser vista como uma opção de empoderamento e validação da mulher enquanto sujeito social, se sustentando, principalmente, na religião cristã.

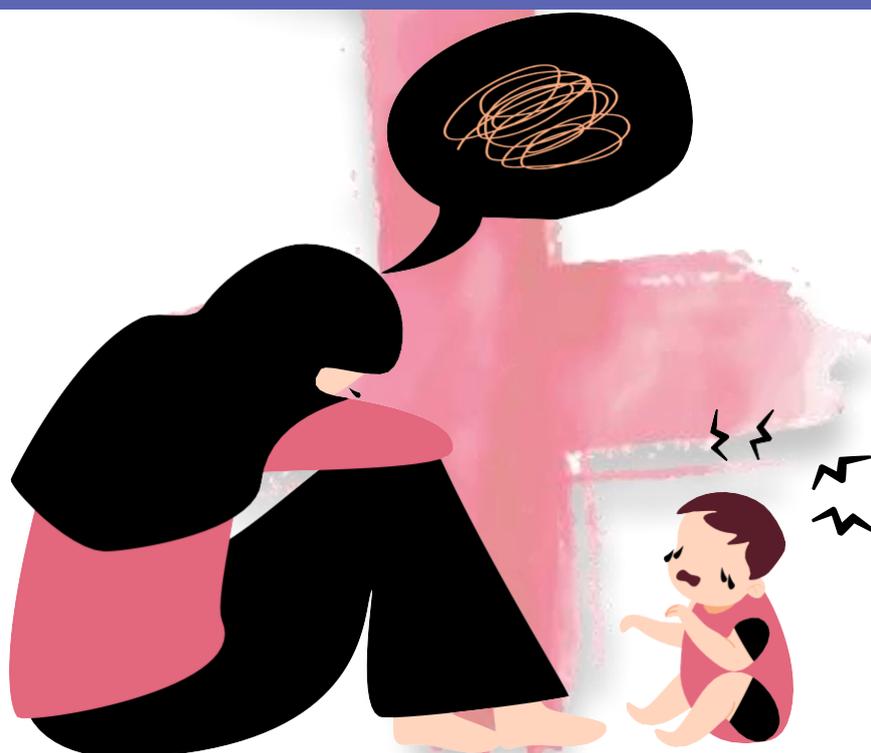


Há nesse momento histórico, a migração entre a figura da mulher de Eva (pecaminosa, tentadora e sensual) para a figura feminina de Maria (casta, benevolente e naturalmente maternal).

A figura de Maria, no entanto, é inacessível. A regra de que uma boa mãe é constantemente calma, disposta e subserviente não corresponde à multiplicidade de repertórios que podem ser desempenhados na relação mães-filhos.

Por conta disso, muitas mulheres são inundadas pelo sentimento de estranheza, ambivalência e culpa que emergem ao experienciar uma maternidade não condizente com aquela disseminada pela cultura.

Isso fica ainda mais nítido quando essa mulher ama e se engaja em outras coisas além de matinar, ou até mesmo, quando demonstra não querer ou não gostar de ser mãe. Daí o jargão "mãe desnaturada", como se essa mulher não correspondesse à sua natural essência, que é ser mãe e cuidadora.



(ZANELLO, 2018)



Por que a
maternidade é
algo visto como
tão essencial?

Teorias psiquiátricas e psicológicas reforçaram os ideais da igreja a respeito da maternidade. A confirmação da mulher como instável, frágil, louca e fraca era sustentada pelos tão famosos "transtornos" da época conhecidos como histeria e melancolia feminina. Portanto, ter um filho passou a ser sinônimo de ser adequada e útil, de ser alguém com valor para a sociedade, uma mulher deixando frutos para o futuro e não apenas uma mulher descompensada.

Portanto, o "ter filhos" para a mulher é quase que não passível de escolha e sim um "deve-se ter" para provar o seu valor em sociedade. O que antes era uma das formas de garantir a sobrevivência da família com mais mão de obra ao trabalho de campo, hoje é quase que uma profissão, atribuída exclusivamente ao sexo feminino.

A mulher que antes nunca havia experimentado de nenhum direito civil e humano, que nunca foi considerada socialmente, se via agora assumindo grande responsabilidade na sociedade, uma vez que era ela quem estava regendo o futuro da nação.

Será que, então, que com tamanha responsabilidade sobre seus ombros, a mulher ainda possuía sua subjetividade?



Maternidade e a subjetividade da mulher:

É possível ser mãe e ainda cuidar de si mesma?

Quando uma mulher se torna mãe, suas vontades próprias ainda estão presentes. Assim, gerar e criar um filho, não significa se abdicar de si mesma.

Contudo, para muitos, "esposa e boa mãe" são aquelas as que deixam as próprias necessidades de lado, para assumirem o cuidado com o outro.

Portanto, foi se estabelecendo e se reforçando cada vez mais até os dias atuais, que sinônimo de ser uma boa mãe é deixar de lado seus sonhos próprios e viver somente para os filhos e a família, pois, caso contrário, a mulher "não ama suficientemente, é desnaturada".



Mas se a mulher vive para o filho e, conseqüentemente para o marido, então ela não irá trabalhar sem ser dentro de casa?



Lembremos que a mulher demorou para ser inserida no mercado de trabalho, e quando foi, não foi por ser reconhecida, mas sim pela necessidade que a época apresentava.

Portanto, mulheres que não viam essa necessidade de trabalhar e podiam se dedicar somente aos filhos e a casa, eram mulheres com status social, na maioria das vezes mulheres brancas, bem casadas e educadas nos moldes da sociedade vigente.

Sendo assim, as que assumiam os cargos de trabalhadoras, mães, donas de casa e esposas eram, na maioria, mulheres pretas, sem status social e com pouco ou nenhum estudo.

Dado este contexto, existe grande romantização e muitos mitos a respeito da maternidade, deixando muitas mulheres desamparadas. Com isso, muitas vezes, as escolhas dessas mulheres-mães são feitas motivadas por não serem julgadas.



O amor materno sempre teve visibilidade?

O afeto entre mãe e filhos(as) nem sempre foi visto como algo essencial.

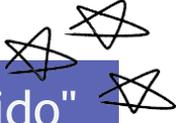
Essa ideia é consolidada, quando pensamos que antigamente, era algo comum filhos de senhores de engenho serem amamentados por amas de leite por exemplo, o que implica que a criação de um laço/vínculo entre a mãe e filho não era o mais importante ali, mas sim, garantir o futuro do nome e do negócio da família com os filhos.

O amor materno passou, então, a ser vangloriado a partir do séc. XIII, quando a maternagem passou a ser associada exclusivamente à mulher.



- Título: Ama de leite com menino
- Criador: Coleção G. Ermakoff
- Data: 1874
- Local: Pernambuco
- Fonte: Google Arts & Culture.

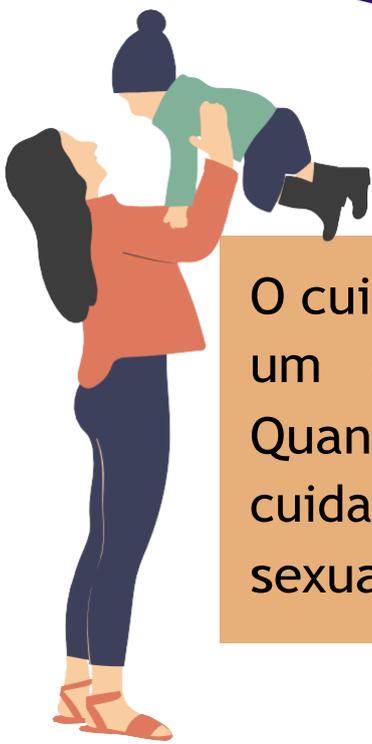
(ZANELLO, 2018)



O amor que antes era "pouco conhecido" agora assume tamanha importância que a vinda do bebê assume a representação não somente do gerar a vida, mas da mulher transcender toda a sua existência.

O amor materno e a maternagem não são universais nem padronizados, mas se consolidam como tais a partir do que a sociedade estabelece que é natural à mulher.

Será, então, que mulheres sem filhos ainda são "obrigadas" a cuidar do outro?



O cuidar, em nossa sociedade, é considerado um comportamento próprio às mulheres. Quando homens demonstram ações de cuidado ou são super valorizados ou sua sexualidade é questionada.



O cuidado, então, é visto como exclusivo para a mulher pois é sustentado pela ideia cultural de "se é ela quem possui a capacidade de procriação, ela é quem deve assumir cuidado".



Portanto, mesmo quando uma mulher não possui filhos(as), há grandes chances que desempenhe o papel de cuidado com o outro, seja com pai, mãe, irmão, entre outros, pois é esperado, desde criança, que a mulher assuma tal comportamento.



Como o Dispositivo Materno afeta mulheres?

O dispositivo materno causa dúvidas e culpa nas mulheres, pois é punitivo.

Por exemplo, quando as mulheres se sentem erradas em assumir necessidades próprias antes das dos filhos ou quando se questionam se "são boas o suficiente" na função de mãe.

Sem casamento e sem filhos, a mulher pode se sentir realmente realizada?

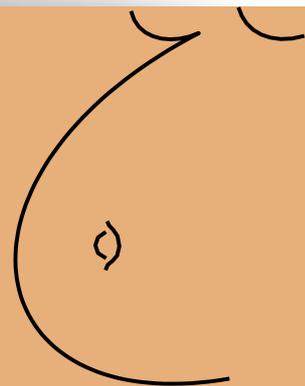
Para a sociedade não, pois todo o valor da mulher está atribuído a essas duas conquistas e a maternidade assume, ainda, um papel como de um "salvador" para a mulher que não possui filhos.

Maternidade e silenciamento

Uma das interlocuções que o Dispositivo Materno estabelece com o Amoroso está no silenciamento. Mães raramente falam sobre as "emoções desagradáveis" (aquelas não prescritas no script social de ser mãe) que surgem na maternagem.

O silenciamento surge como produto da culpa por não cumprir com o script. Por isso, mães dificilmente revelam esses sentimentos em público.

Por vezes, a culpa também mobiliza ainda mais o empenho para com a maternidade e, comumente, é o que leva mães à clínica psicológica, com o objetivo principal de "reparar a falha" em si.

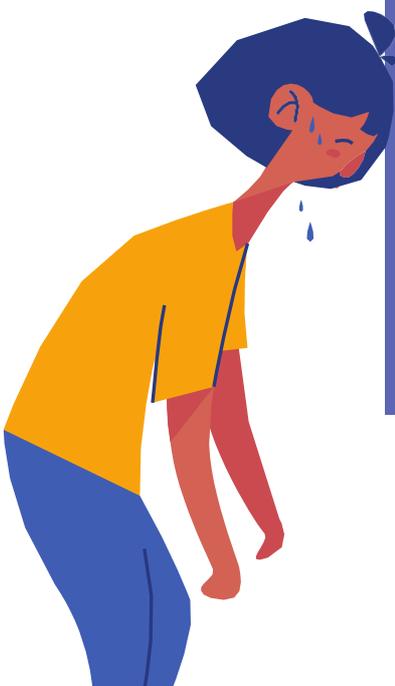


A mulher guerreira

Outro ponto importante é a valorização da sobrecarga e da redução da mulher ao ambiente privado. E mesmo quando essa mulher não está retida aos trabalhos domésticos e funções de cuidado, esses trabalhos ainda são mantidos paralelamente à rotina de trabalho formal.

O trabalho doméstico e o cuidado destinado a outras pessoas realizado por mulheres é chamado de Trabalho Invisível. A invisibilidade surge, justamente, pela concepção social de que é uma tarefa essencialmente feminina na qual a mulher se realiza ao executar, dessa forma, não é necessário ser remunerado, sequer reconhecido como um trabalho.

Assim, conforme mães atingem um nível de sobrecarga tamanha a ponto de renunciar aspectos significativos da sua vida em prol da maternidade e do homem, também são reconhecidas como "mulheres guerreiras" e valorizadas pela abdicção e sacrifício .



A mulher guerreira

Mulheres atravessadas por recortes de classe e raça provavelmente vão sofrer mais com essa premissa, já que essas duas variáveis também afetam o arranjo entre quem cuida e quem é cuidado.

A mercantilização desses trabalhos geralmente leva mulheres pobres, negras, nordestinas, etc., a assumirem a posição de cuidadoras de pessoas em situação de privilégio, muitas vezes ficando encarregadas da maternagem dos filhos de outras mulheres (brancas e ricas) e em abstenção aos seus próprios filhos.



Então, o que é gênero?



Gênero é um dos termos utilizados para se fazer a distinção entre homens e mulheres.

Contudo, Gênero é uma construção social. Ou seja, o termo surgiu e se instalou socialmente, por padrões comportamentais exercidos por essa mesma sociedade.

Portanto, esses comportamentos foram mantidos e repetidos, fazendo com que o termo "Gênero" fizesse parte da nossa cultura, como se fosse natural.



(NICOLODI; ARANTES, 2019)

O que é o patriarcado?

A criação do conceito de gênero permite a criação do patriarcado: Configuração sociopolítica na qual o homem (o patriarca) está em maior posição de poder e controle, reduzindo as possibilidades de escolha e de comportamentos alternativos de mulheres.

Como o patriarcado sustenta práticas desiguais de gênero?

O patriarcado é sustentado culturalmente através da subjugação e opressão de mulheres, principalmente através da essencialização do “ser mulher” e da naturalização da violência (objetiva ou subjetiva) sobre suas condições de existência.

Qual a importância de nomear o patriarcado?

Nomear como essa configuração sociopolítica afeta (algumas vezes de forma direta) a existência autêntica de mulheres é também pensarmos estratégias e recursos de ação para combater essas violências. Em outras palavras, nomear o patriarcado é potencializar mulheres para atuarem em suas realidades de forma mais crítica e resistente.



(NICOLODI; ARANTES, 2019)

O que é Feminismo Interseccional?

O feminismo interseccional é uma vertente dos feminismos, que é capaz de enxergar as mulheres com diferentes olhos. Ele segue então, uma perspectiva que é capaz de acolher e entender as distinções existentes em nossa sociedade, sejam elas partindo da mulher para mulher e/ou da mulher para o homem.

Quais diferenças observar então?

Na perspectiva do feminismo interseccional, a importância não é somente a busca da equidade da mulher na sociedade perante o lugar de poder do homem, mas também é a busca de equidade de mulheres entre mulheres, podendo-se contemplar a realidade de todas elas e enxergar que as escolhas feitas são pautadas nas histórias de vida delas.

Para que a interseccionalidade esteja presente, é preciso, então, observar ao redor e se atentar às possíveis diferenças existentes entre essas mulheres. Além do recorte de gênero, elas também carregam outras demandas que as atravessam enquanto indivíduos e cidadãos, como orientação sexual, classe social, raça, relacionamento familiar, rede de apoio, os ensinamentos e informações que lhe foram passados e religião, por exemplo. Sendo assim, essas variáveis precisam ser consideradas nas análises e nas intervenções com as mulheres.

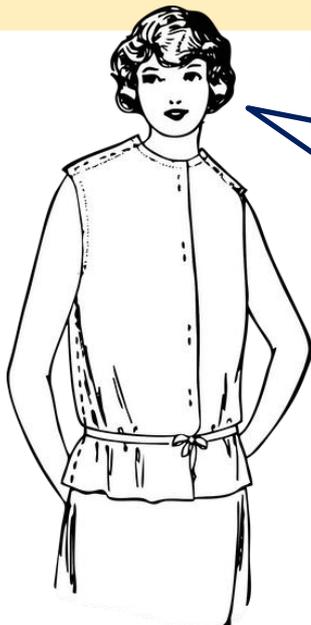
O que é empoderamento?

Processo pelo qual mulheres adquirem novos repertórios comportamentais, modificando contextos aversivos relacionados ao seu gênero (COUTO, 2019).

Também podemos compreender o empoderamento como o desenvolvimento de comportamentos de contracontrole por mulheres, isto é, comportamentos que terão a função de enfrentar o controle externo direcionado a elas. Assim, é um posicionamento consciente, ativo e mais efetivo no mundo.

O que não é tão empoderador quanto nos fizeram acreditar?

Visão midiática do empoderamento sexual de mulheres, constantemente reproduzindo um padrão heteronormativo de mulher desejável, sexy e desejada por homens.



*A quem este
suposto
empoderamento
beneficia?*

E como podemos trabalhar o empoderamento das nossas clientes?

Um bom recurso pode ser através do compartilhamento de histórias de vida de outras mulheres com comportamentos alternativos às praticas machistas.

Para isso, talvez seja uma possibilidade avaliar qual é a rede de apoio das suas clientes.

Ajudá-las a nomear quais são as violências de gênero que as afetam, identificar quais são as consequências e repercussões que isso toma em suas vidas, pode ser o início de um processo de empoderamento.



(COUTO, 2019,)

O que podemos fazer diante desse contexto?

Reconhecer essas práticas de gênero como construções sociais e não como uma essencialização da mulher, vendo as regras arbitrárias sobre como ela "deve ser" e de como "deve agir".

Reconhecer como queremos agir diante cada situação e contexto em nossa vida, mesmo que essa ação seja contrária ao que se é esperado e construído socialmente com as regras de gênero.

Dialogar sobre essas práticas sempre que possível com o intuito de trocar conhecimento, visando ajudar outras pessoas a reconhecê-las e combatê-las, pois da mesma forma que essas práticas se mantêm por comportamentos compartilhados, novas formas de agir também podem mudar essa cultura, se forem divididas.

Por que é importante que psicólogas(o)s reconheçam queixas que carregam práticas de gênero?

É comum, em ambientes da saúde, uma mulher buscar ser atendida por uma profissional que também seja mulher. O mesmo muitas vezes ocorre no ambiente da clínica psicológica.

Um dos motivos para isso ocorrer, pode ser a sensação de igualdade perante a queixa que uma profissional mulher pode oferecer.

Esta postura pode ser reconhecida como coerente, pois nossa sociedade oferece vivências diferentes para quem é homem e quem é mulher e, portanto, pode ser até um pensamento reconfortante, por parte das pacientes, compartilhar suas dores com quem experiencia situações semelhantes no dia a dia.



Como a existência e manutenção do conceito de gênero implica na vivência das mulheres?

Nossa sociedade se comporta e se organiza a partir dessa divisão de gênero, estabelecendo, através de diversas práticas, o que envolve o "ser homem" e o que envolve o "ser mulher", definindo os papéis que cada um deve assumir.

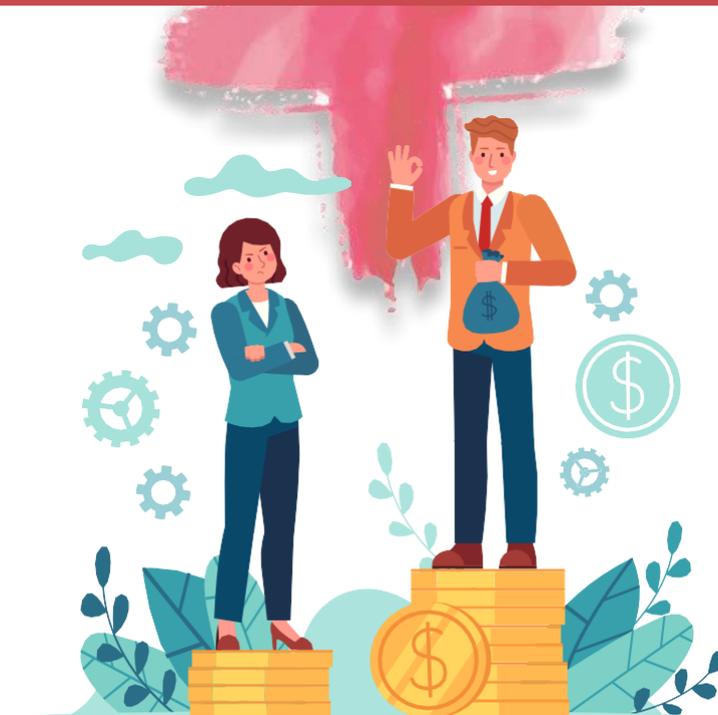
Isso resulta em práticas de gênero, que contribuem para a misoginia e para o machismo, por exemplo.



O que seriam, então, essas práticas de gênero?

A diferença salarial entre homens e mulheres que ocupam a mesma profissão (sob os dados do IBGE, 2016); o estigma de que quem cuida da casa e da família é a mulher; costumes relativos ao cuidado do corpo e comportamentos considerados masculinos ou femininos.

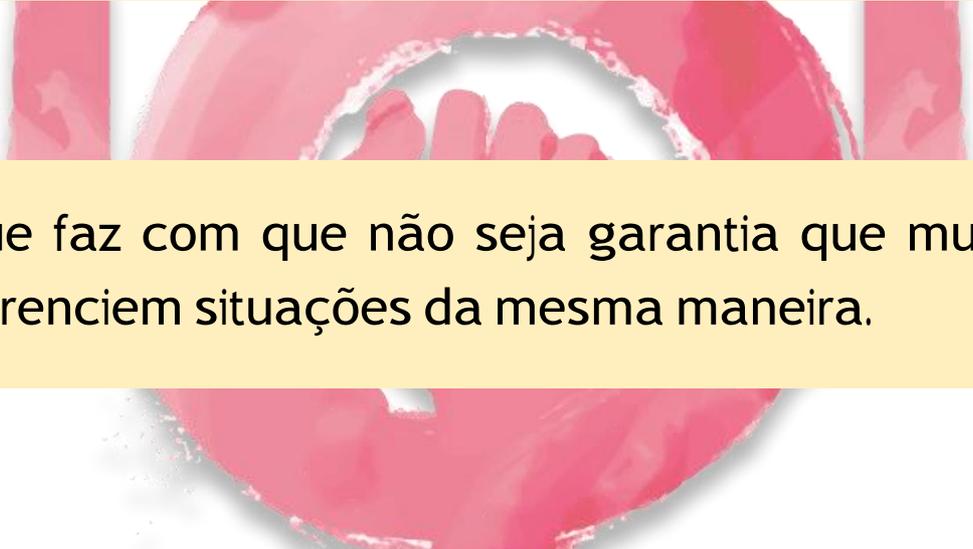
Essas práticas de gênero restringem, limitam e estereotipam o papel da mulher na sociedade!



(FERRAZ et al., 2019)

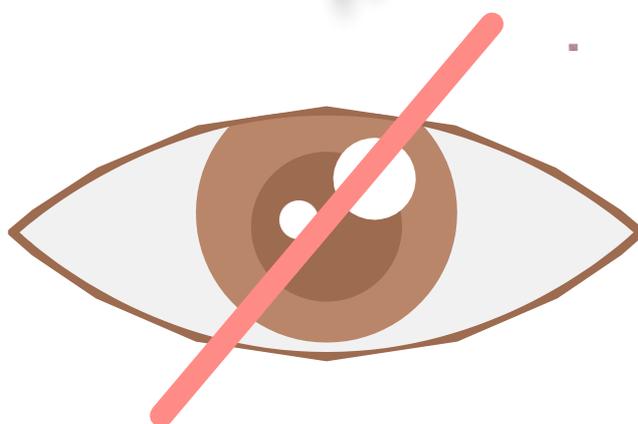


Contudo, é necessário lembrar que não basta ser mulher para entender uma mulher, pois cada uma possui sua individualidade e história de vida - As interseccionalidades!



O que faz com que não seja garantia que mulheres experienciem situações da mesma maneira.

Reconhecer, então, as práticas de gênero e queixas que envolvem a presença dessas práticas, permite para a profissional de saúde um olhar mais amplo de diferentes situações que essas mulheres enfrentam, rompendo a "Cegueira Social" (Ruiz, 1998) que nos cerca.



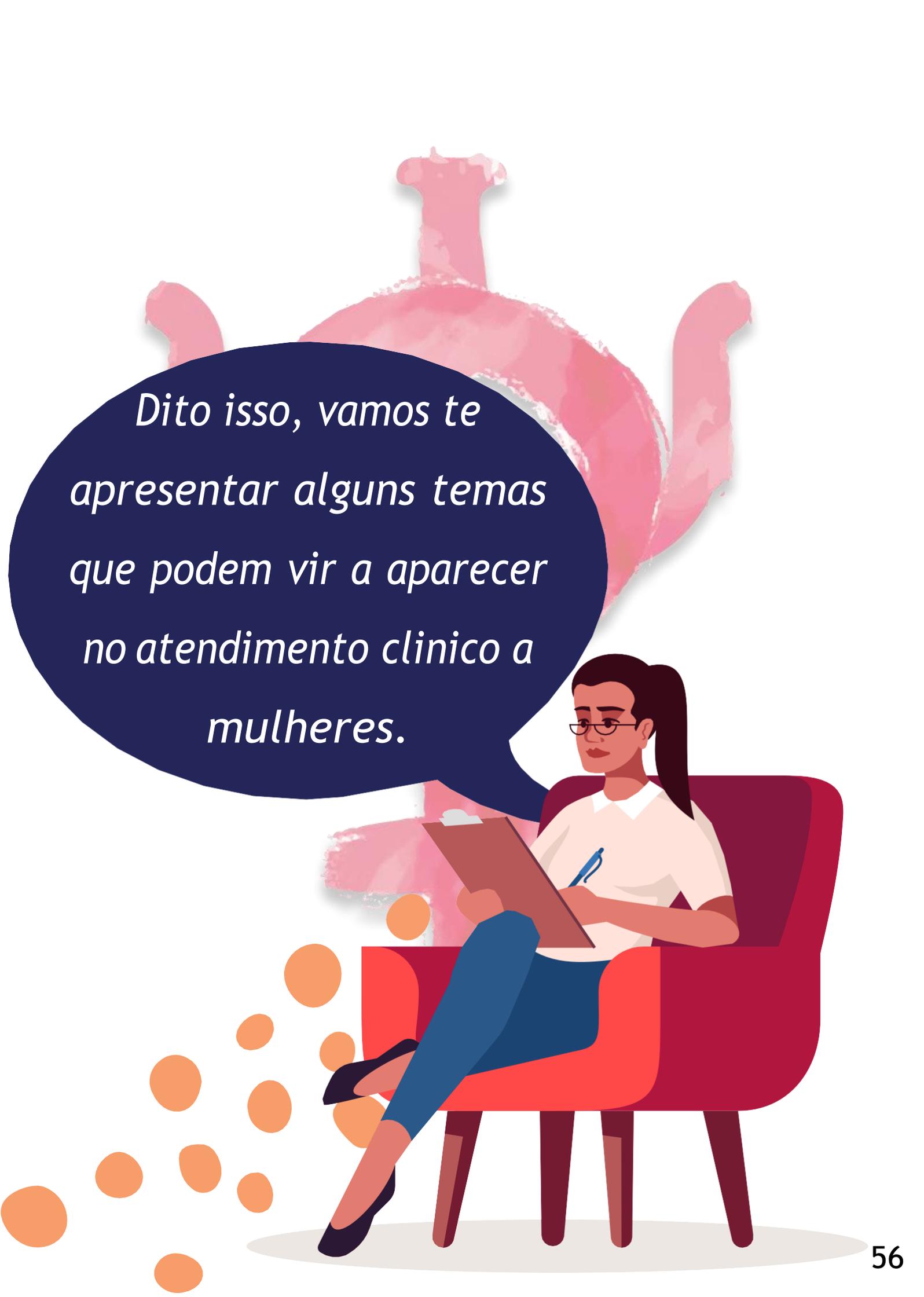
Quando quem atende uma mulher for homem, algo muda nesse contexto da clínica psicológica?

Independente de o profissional ser homem ou mulher, o reconhecimento de demandas que carregam práticas de gênero se torna de extrema importância no contexto clínico.

Entretanto, como mencionado, homens e mulheres enfrentam dispositivos sociais diferentes.

Portanto, se um profissional homem não se atentar para o reconhecimento das práticas de gênero que cercam o "ser mulher", é bastante provável que esse mesmo psicólogo não seja capaz de oferecer compreensão da demanda trazida pela paciente mulher.





*Dito isso, vamos te
apresentar alguns temas
que podem vir a aparecer
no atendimento clínico a
mulheres.*

Invalidação

Validar significa reconhecer que as emoções e sentimentos de uma pessoa são condizentes com o contexto, isso é, justificáveis.

Muitas vezes, percebemos essa invalidação na própria narrativa da cliente. Então, reconhecer como essa mulher acredita e se apropria do que sente também é fundamental.

Também é importante reconhecer, juntamente a ela, quando essa invalidação do parceiro tem como função manipular suas emoções e pensamentos.

Chamamos essa manipulação de "Gaslighting"



(PINHEIRO; OSHIRO, 2019).

Exigências Desiguais

Ocorre na questão da autoimagem: insatisfação corporal, dietas, transtornos alimentares e o medo de envelhecer são mais comuns em mulheres do que em homens.

Na divisão de tarefas domésticas e cuidados com os filhos: segundo o IPEA, 2017, mulheres trabalham 7,5 horas A MAIS que homens por semana.

Mulheres em posição de liderança também são envolvidas pelo estigma de serem constantemente amorosas, cuidadosas e compreensivas quando assumem o cargo.



Como psicólogas(os) podem, então, ajudar em frente a essas demandas?

Como terapeutas, a forma que podemos ajudar é:

Se paciente e terapeuta não compartilham do mesmo ambiente, compreender que as atitudes perante as situações podem ser distintas e que elas precisam ser acolhidas e entendidas e não negligenciadas;

É necessário reconhecer como os comportamentos dessas mulheres, às vezes, são influenciados pela ideia de essencialização da mulher, as guiando socialmente sobre como ser e agir;

Garantir a validação de sentimentos da paciente, mostrar que o que ela sente é coerente e importante, fazendo com que ela confie no que sente.

Validar significa reconhecer as expressões emocionais do outro e encontrar verdades nelas.
(LEAHY; TIRCH; NAPOLITANO, 2013).

Por que é importante entender a estrutura social do Relacionamento Abusivo?



O relacionamento abusivo não é um problema isolado da sociedade, pelo contrário, esse tipo de relacionamento é reforçado pela forma com que a sociedade se organiza hoje, tendo o sexismo e o patriarcado como grandes mantenedores do poder nas mãos dos homens.

Além disso, ambos fatores contribuem ainda para a distribuição e preservação dos papéis sociais pautados no gênero, sendo assim ajudam a determinar os papéis masculinos e femininos a serem assumidos em sociedade.

Os valores tradicionais familiares também são reforçadores do relacionamento abusivo, uma vez que estabelecem uma posição de subjugação e hiper-responsabilização para a mulher. Neste contexto, quando a mulher não segue o padrão esperado, ela deixa de ser validada, o que faz com que muitas vivam a vida com alguém fazendo as escolhas por ela, quer seja por não ter consciência do poder de escolha (por não ter sido incentivada a assumir essa postura) ou pelo medo do isolamento por possuir esse poder.

Portanto, entender a estrutura social do relacionamento abusivo é entender que ele se dá na assimetria de gêneros (Costa, 2019). Que ele se dá na diferença de papéis assumidos em sociedade por homens e mulheres e o quanto esses papéis reforçam a ideia de que a mulher precisa ser protegida e cuidada por um homem, por ser alguém que é "naturalmente" vulnerável. Todo este contexto só contribui com o domínio e controle exercido sobre essas mesmas mulheres, uma vez que o homem é denominado como o forte, "o que tem poder sobre ela."

Importante lembrar aqui que tanto a essencialização de que a mulher é vulnerável e fraca e precisa ser cuidada quanto os papéis assumidos em sociedade, nenhum deles é determinado biologicamente, mas sim, culturalmente, sendo modelados pela cultura.



(COSTA, 2019)

O Ciclo do Abuso

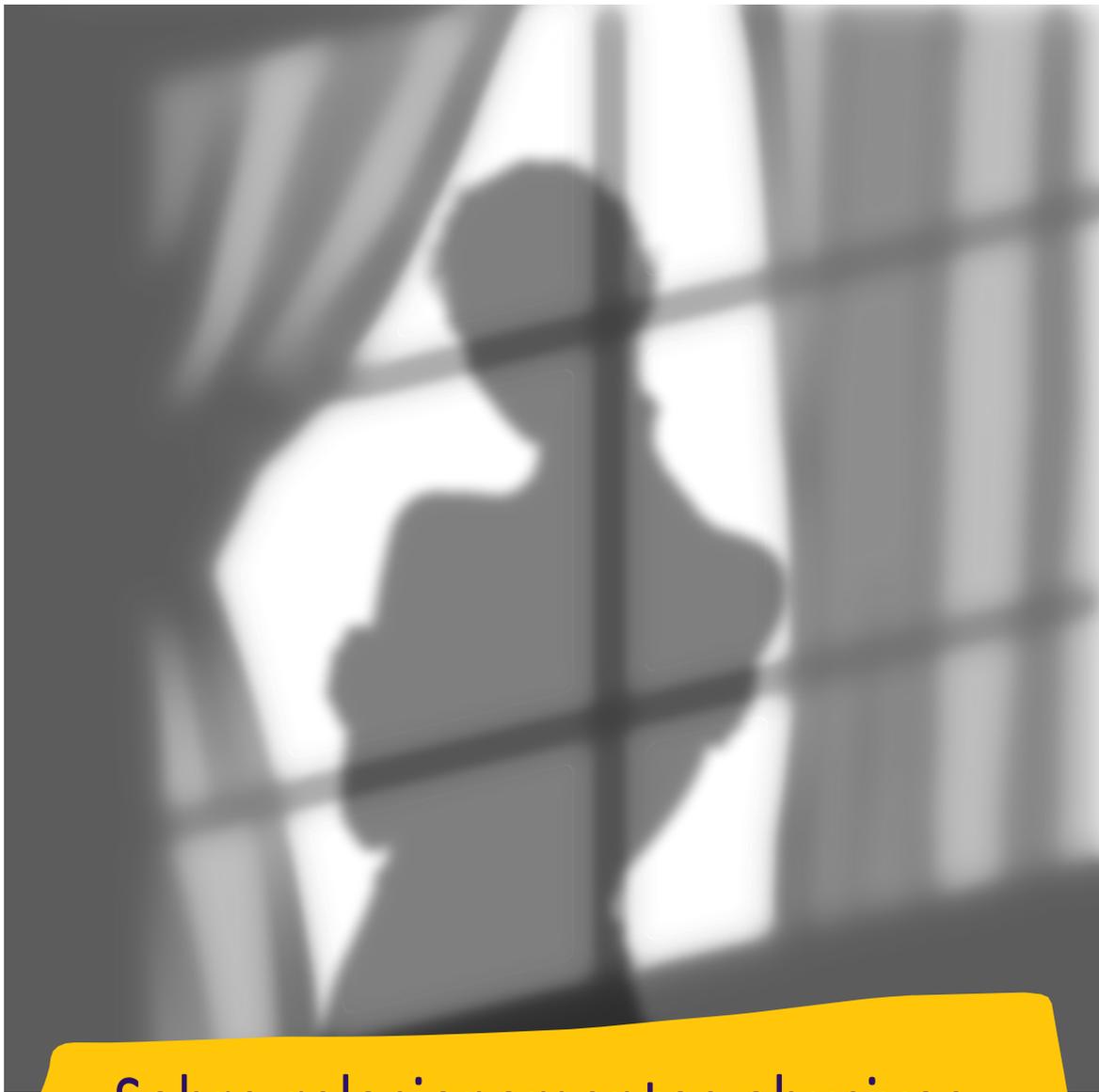
- Justificativas;
- Desculpas;
- Remoções;
- Chantagem emocional.

- Negação;
- Promessas de amor.



- Brigas;
- Medo;
- Controle;
- Agressões.

- Ciúmes;
- Ordens;
- Isolamento;
- Ameaças.



Sobre relacionamentos abusivos, violência doméstica e feminicídio:

Relações de poder e o isolamento da vítima são comuns em relacionamentos violentos.

Reconhecer a mulher como indivíduo de direitos e ser parte de sua rede de apoio é essencial.

Devemos lidar com responsabilidade ao tratarmos da segurança e vida da cliente.

Ei, psi! Indicação de série fresquinha pra
você!



Confira nossa análise sobre "Bom dia, Verônica" e
relacionamentos abusivos em nosso Instagram:
[@psicoterapia.e.feminismo](https://www.instagram.com/psicoterapia.e.feminismo)



O que fazer, então, como terapeutas, com mulheres em relacionamentos abusivos?



Como terapeutas, podemos ajudar no processo de autoconhecimento e estabelecimento de valores dessas mulheres, de descobrir se o caminho que elas seguem (especificamente no contexto de relacionamentos afetivos) é o caminho que faz sentido para elas ou se seguem porquê lhes foi imposto, ajudar a reconhecer o que elas valorizam (tanto para si mesmas, quanto para seus relacionamentos) para que assim elas possam se comprometer com seus valores.

Lembrando que não é convencer quais atitudes essas mulheres devem tomar! Nosso papel, é trazer perspectivas importantes, como valores e variáveis sociopolíticas, para ajudar no processo de reconhecimento de seus direitos.



Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) e o feminismo

A FAP foca na relação terapêutica, trabalha com comportamentos que ocorrem durante a sessão.



Mas como você já sabe, de quê valeriam as transformações promovidas pela clínica se elas não fossem generalizadas para a vida cotidiana?

5 aspectos para se atentar ao ser uma psicóloga feminista que trabalha com FAP

1. Avaliar a importância da posição social da cliente (etnia, gênero, classe e orientação sexual).

2. Evocar comportamentos da cliente para lidar com ambientes opressores - Quais suas estratégias de contracontrole?

3. Analisar os papéis de gênero, a cultura e as relações de poder.

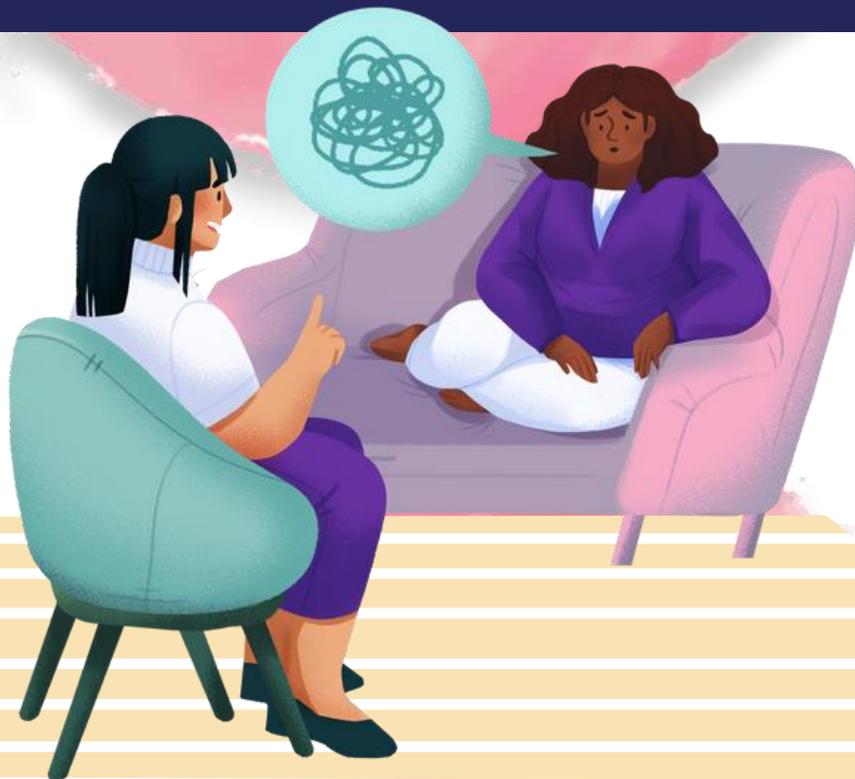


5 aspectos para se atentar ao ser uma psicóloga feminista que trabalha com FAP

4. Encorajar clientes a começarem uma mudança social.

5. Enquanto terapeutas, também ter uma iniciativa de mudança social.

Lembre-se: As terapias feministas objetivam desenvolver repertórios de enfrentamento em mulheres vítimas de violência.



Referências Bibliográficas

COSTA, Analu I. Contribuições do feminismo para compreensão e intervenção em casos de relacionamento abusivo. In: PINHEIRO, Renata; MIZAEAL, Tahcita (Orgs.). **Debates sobre feminismo e análise do comportamento**. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019. p. 244-263.

COUTO, Aline G. O empoderamento das mulheres em uma perspectiva analítico-comportamental. In: PINHEIRO, Renata; MIZAEAL, Tahcita (Orgs.). **Debates sobre feminismo e análise do comportamento**. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019. p. 140-173.

FERRAZ, Júlia C. et al. Uma análise de metacontingências e macrocontingências envolvidas em práticas de gênero. In: PINHEIRO, Renata; MIZAEAL, Tahcita (Orgs.). **Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento**. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019. p. 174-219.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça – 1995-2015**. Brasília: Ipea, 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Referências Bibliográficas

LEAHY, Robert. L.; TIRCH, Dennis. NAPOLITANO, Lisa. A. **Regulação emocional em psicoterapia: Um guia para o terapeuta cognitivo-comportamental.** Porto Alegre: Artmed, 2013.

MONTEIRO, Clara.; ZANELLO Valeska. Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da Disney. **Revista Feminismos**, Salvador, v.2, n.3. set-dez, 2014.

NICOLODI, Laís; ARANTES, Ana. Poder e patriarcado: Contribuições para uma análise comportamental da desigualdade de gênero. In: PINHEIRO, Renata; MISAEL, Táhcita (Orgs.). **Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento.** Fortaleza: Imagine Publicações, 2019. p. 64-83.

PINHEIRO, Renata da C. da S.; OSHIRO, Cláudia K. B. Variáveis de gênero que terapeutas devem estar atentas no atendimento a mulheres. In: PINHEIRO, Renata; MISAEL, Táhcita (Orgs.). **Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento.** Fortaleza: Imagine Publicações, 2019. p. 220-243.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó.** 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RUIZ, Maria R. Personal agency in feminist theory: Evicting the illusive dweller. In **The behaviour Analyst**, 21, p. 179-192.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.** 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.

Nota sobre as autoras



Ana Carolina Rimoldi de Lima

Psicóloga Clínica e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Especialista em Terapia de Aceitação e Compromisso. Docente da cadeira de Análise do Comportamento da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, Unidade Ituiutaba. Comprometida com uma docência e uma clínica voltadas à flexibilização e expansão de repertórios, socialmente engajadas e humanamente transformadoras. Sensível a padrões e exigências sociais que violentam e restringem todas as formas de ser uma pessoa, especialmente no que diz respeito a ser uma mulher.

Railla Correia de Matos

Discente em Psicologia (UEMG-Ituiutaba). Realizou estágio clínico com enfoque na Terapia Analítico-Comportamental e Terapias Comportamentais Contextuais (NEAP-UEMG). Atualmente (2023), atua como estagiária em neuropsicologia, desenvolvendo atividades de avaliação neuropsicológica e reabilitação cognitiva com idosos. Interesse principal voltado a temáticas de gênero e preconceito racial, em especial ao desenvolvimento de estudos que contemplem, em integralidade, a promoção de saúde mental em mulheres negras.



Rebeca Franco Bonfanti

Discente em Psicologia (UEMG-Ituiutaba). Realizou estágio profissionalizante clínico em parceria com o CAPS II (NEAP-UEMG). Atualmente, realiza estágio profissionalizante em âmbito institucional em PSF. Desde o primeiro contato com o assunto sobre o direito das mulheres e os papéis que elas assumem na sociedade, percebe e entende a importância do feminismo ser discutido e ensinado não somente para mulheres, mas, para a sociedade como um todo. Estudar sobre o feminismo e suas diferentes vertentes a permitiu e permite desenvolver uma visão mais crítica às regras (gênero, sexualidade, patriarcalismo e entre outras) da nossa sociedade, mas ainda assim, ser capaz de acolher mulheres com diferentes histórias.



Você pode encontrar mais informações relacionadas aos entrelaçamentos de gênero e saúde mental da mulher em nossa rede social no Instagram. Confira em: [@psicoterapia.e.feminismo](https://www.instagram.com/psicoterapia.e.feminismo)

